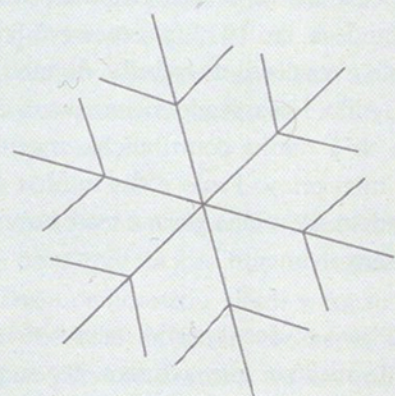


ESPORTE FINO

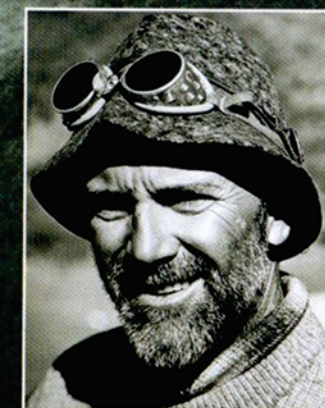
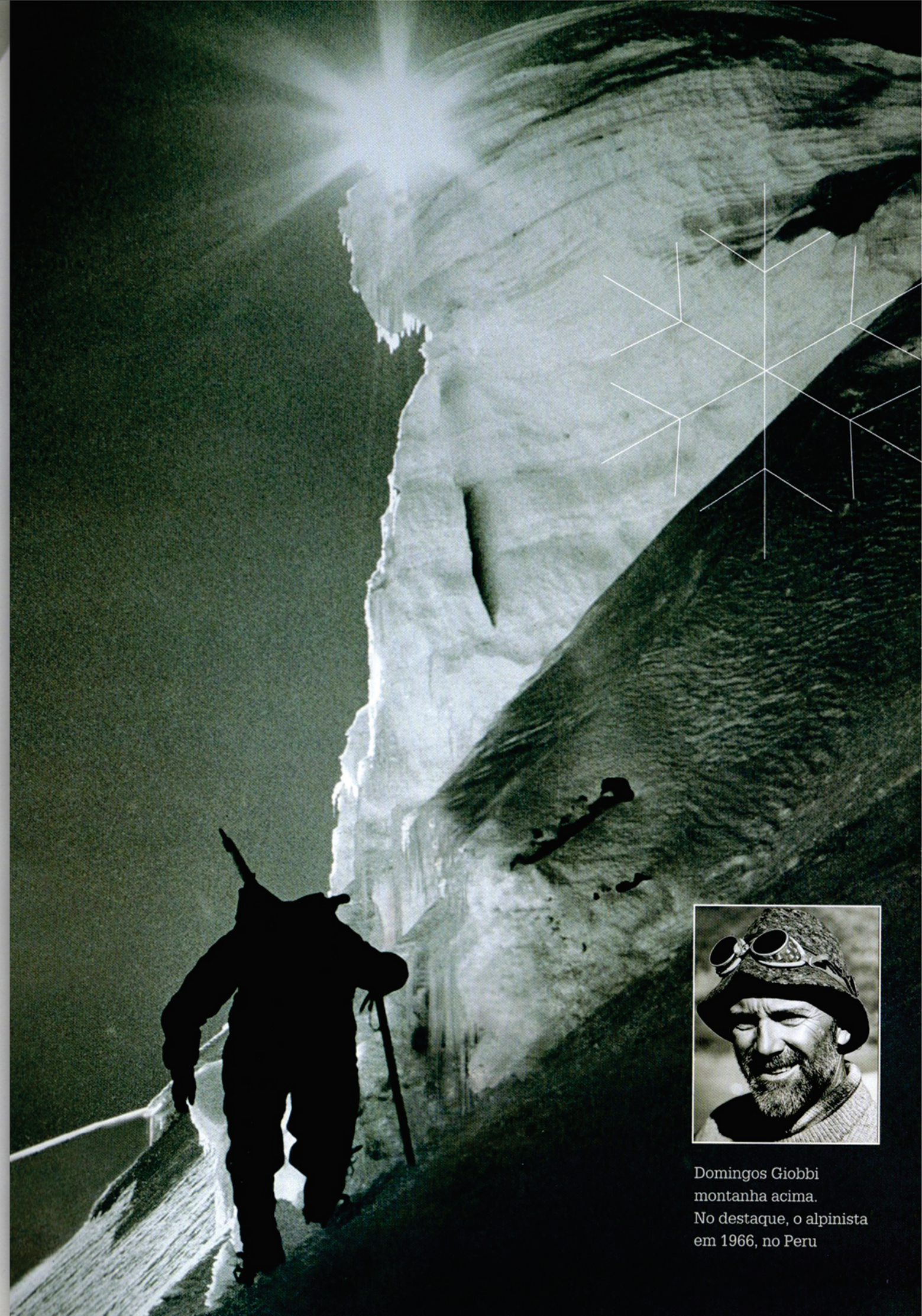
DEPOIS DE SER O
PRIMEIRO HOMEM A
SUBIR 25 MONTANHAS
INEXPLORADAS, VENCER
REGATAS IMPORTANTES
E TRAZER O ESQUI DE
COMPETIÇÃO PARA O BRASIL,
DOMINGOS GIOBBI CHEGA
AOS 76 ANOS MOSTRANDO
COMO SE TRANSFORMA
ESTILO DE VIDA EM
UMA VIDA DE ESTILO

POR DÉCIO GALINA



FOTOS Arquivo pessoal

março 2001



Domingos Giobbi
montanha acima.
No destaque, o alpinista
em 1966, no Peru



Domingos mostra um antigo par de esquis: ao lado, o jovem Giobbi encara um paredão íngreme na Itália, em 1961

Como todo bom alpinista, Domingos Giobbi não é de contar vantagem. É discreto, usa as palavras com cuidado e não deixa a humildade de lado, mesmo quando recorda que foi o primeiro homem a escalar 25 montanhas da desafiadora Cordilheira Branca, no Peru. Em três horas de conversa, esse paulistano, que cresceu fazendo caminhadas pelos arredores do vilarejo italiano de Schignano, sequer mencionou uma honrosa homenagem de 1 600 metros que recebeu em fevereiro de 1997: a 1ª Expedição Brasileira à Patagônia Ocidental batizou uma montanha virgem no sul do Chile com o nome do pioneiro. O alpinista virou montanha.

Nada mais justo para esse simpático senhor de 76 anos

ficaram por lá. Fez cerca de 20 viagens de navio entre a Europa e o Brasil na década de 30. Era uma jornada de 13 dias. "A bordo, as pessoas se vestiam com elegância e eram bem-educadas", lembra.

BATE-PAPO DE MONTANHAS

O garoto Domingos ficou fascinado ao ouvir a lenda de que as rajadas de vento são, na verdade, o som do bate-papo entre as montanhas. O fato de o pai e o tio haverem, na Segunda Guerra Mundial, integrado a tropa italiana especializada em combate nos Alpes aumentou ainda mais o interesse do menino pelo esporte. Cresceu, dedicou-se ao alpinis-

mo e, nos anos 50, começou a ensinar em São Paulo parte do que aprendeu nas escaladas pela Europa. O Pico do Jaraguá, na Zona Norte da cidade, virou sua sala de aula. Pouco tempo depois, fundou o Clube Alpino.

Mesmo com notória experiência acumulada, Domingos concentrou suas conquistas em cumes da Argentina e do Peru. Ele não teve a chance de conhecer o Everest, o ponto mais alto da Terra, com 8 848 metros. "Naquele tempo, o Himalaia estava fechado para grupos pequenos da América do Sul", lamenta.

Como acontece com todos que optam por modalidades arriscadas, o alpinista aprendeu a dominar o medo em situações desesperadoras. "Para alcançar o topo do Uruash Raju

RETRATO: Marcelo Ortol / FOTOS: Arquivo pessoal



O acervo de Domingos Giobbi preserva fotos de suas andanças por picos virgens da América do Sul

(no Peru, com 5 800 metros) ouvi grandes avalanches. A qualquer momento poderia ser atingido." Domingos já salvou um colega da morte certa. "Aconteceu em 1961. Estava na Cordilheira Branca e encontrei o francês Michel Lepret (pioneiro no estudo de cavernas no CAP) desacordado no chão. Ele estava com início de edema pulmonar, ocasionado pela falta de boa aclimação à altitude, mas consegui reanimá-lo."

Fazer alpinismo no verão e esquiar no inverno não foi o bastante para preencher a agenda do esportista. Ele ainda encontrou tempo para se formar em engenharia (exerceu a profissão como empresário do ramo de construção de rodovias) e para gravar seu nome na história das modalidades

dispensam seus conselhos na organização de expedições. "Fico muito atarefado e, às vezes, não posso seguir a rotina que mais prezo: levantar cedo, caminhar no Clube Pinheiros, almoçar e beber dois copos de vinho para depois dormir um pouco."

O AMIGO VOLPI

Em sua casa, Domingos vive cercado pelas obras de arte que reuniu em suas viagens pelo Brasil e pelo exterior. Sua coleção conta com imagens religiosas e dezenas de quadros. Giobbi aprecia especialmente Alfredo Volpi (1896-1988), o pintor italiano que se transformou em grande amigo. "Eu

gostava de almoçar na casa dele. Volpi sabia saborear a comida. Não podia faltar pão italiano." Para o alpinista, o pintor e companheiro foi mestre em balancear linha, forma e cor. "Esses elementos não precisam ter significado. O importante é o quadro sugerir emoção."

Antes de encerrar a conversa, Domingos faz questão de falar da família. Lembra-se com carinho dos filhos Cesar (colunista do jornal *O Estado de S. Paulo*), do engenheiro Carlos e da caçula Genciana ("flor dos Alpes"). Com orgulho, diz que seus três netos já são bons esquiadores. "Tenho que organizar a história da família. Está tudo em minhas mãos." No que depender da biografia de Giobbi, vai ser daqueles livros volumosos, que param em pé na estante.

FOTOS: Arquivo pessoal

"EM UMA ESCALADA, CHEGA-SE MAIS PERTO DE DEUS"

que fundou o Clube Alpino Paulista (CAP), em 1959, e a Associação Brasileira de Ski e Snowboard, em 1989. "Trouxe o esqui de competição para o Brasil e até hoje sou presidente da Associação, mas me considero mais alpinista", ressalta Giobbi, movendo as mãos, como toda pessoa que tem o sangue da Itália nas veias. "Durante uma escalada, aos poucos você vai se distanciando do cotidiano. As casas lá embaixo vão ficando pequenas. A cada passo chega-se mais perto de Deus."

O gosto pelo desafio de se aventurar nas alturas surgiu logo na infância, passada entre São Paulo, para onde imigrou sua família, e o vilarejo italiano de Schignano, que visitava frequentemente com seus pais, para rever os parentes que

"O ALPINISTA PRECISA RESPEITAR OS SEUS LIMITES"

náuticas. Na década de 60, venceu as regatas Santos-Rio (1963) e Florianópolis-Rio (1964) com o barco Bermuda, uma embarcação de 40 pés, feita de madeira. A experiência nas montanhas foi útil no mar: "Como acontece nas escaladas, o conhecimento da meteorologia é essencial nas competições realizadas em mar aberto", diz.

A carreira de feitos notáveis em picos perigosos foi encerrada em 1979 devido à artrose, que comprometeu a articulação de seu joelho esquerdo. "Uma das principais qualidades de um alpinista é respeitar seus limites, para não comprometer a própria vida e a dos colegas", resigna-se. A distância de atividades radicais permitiu uma dedicação maior aos atletas brasileiros de esqui ou ainda aos grupos de alpinistas que não

ALTO ESTILO

POR PAULO LIMA

Já vi muita gente boa cair na armadilha de tentar definir em tratados o que é ou não é chic, o que está ou não está naquele panteão habitado por quem realmente tem estilo. Bate um vento de proa, e todas as definições caem por terra. O que era chiquérrimo ontem vira mais cafona que Didi Mocó em festa de casamento, e assim vai...

Paradoxalmente, porém, há pessoas cujo estilo e habilidade para se posicionarem diante da vida é de tal forma competente que, em geral sem fazer esforço algum, são alçadas ao tal panteão, sem escalas, de forma inquestionável e irreversível.

Vi pela primeira vez Domingos Giobbi no alto da Cordilheira dos Andes. Me chamou a atenção a forma exata, quase cirúrgica como ele cortou o gelo brecando seu par de esquis com precisão absoluta, guardando distância cordial do grupo em que me encontrava, e oferecendo informações seguras sobre as condições da neve nas partes mais altas da montanha.

Em questão de segundos ficou claro: aquele homem ainda leve, ágil e acinturado, certamente vivendo sua sétima década,



sabia o que estava fazendo. Era do ramo. Se não fosse seu português corretíssimo, seria certamente confundido com um europeu, de um daqueles países onde, ao contrário do nosso, pessoas maduras desfrutam do melhor da vida, em vez de sofrer com o descaso e, em geral, declarar a própria decrepitude.

Mais tarde, vendo a forma reta e direta com que se comunicava com os melhores brasileiros esquiando na montanha, confirmei duas coisas: sua autoridade como esportista e que, quando se tem uma vida construtiva, rica em realizações e produtiva, a idade é predicado, e não fardo insuportável. Suas roupas de esqui aparentavam o tempo de uso, e o estilo discreto das cores e feitios contrastava com os arrojados trajes high tech. Mas nada além das roupas e de algumas marcas a mais no rosto o diferenciavam dos esquiadores de vinte e poucos anos. A comunicação rolava solta, com respeito e admiração mútuos.

Só um tempo depois fui saber mais sobre aquele homem que se mostrava tão à vontade na montanha. Seu passado de alpinista e atleta, sua patente altíssima entre quem realmente conhece o melhor mundo das artes, seu estilo low profile antes mesmo dessa expressão ter sido cunhada.

Quer saber o que é chic? Pergunte ao seu Domingos. Se ele não responder, não ligue. É que ele tem mais o que fazer. 

À esq.: Domingos Giobbi e seus esquis e botas da década de 60. No alto: o alpinista em Tour Ronde, na fronteira da Itália com a França, nos anos 50

março 2001

